

EXPRESSÕES CULTURAIS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Marcos Antonio de Araújo Dias (CESMAC)

INTRODUÇÃO

O fato de falarmos de cultura não vai tornar o nosso trabalho tão simples quanto possa parecer, se levarmos em conta o fato de que estamos falando de uma língua, da fala, de países que se impõem economicamente, mas o que vamos mostrar aqui também é o ensino de língua inglesa, tomando como base outros países que tem o inglês como língua materna e não tem expressão econômica tão forte quanto Inglaterra e Estados Unidos. Nosso objetivo é ensinar a língua com a cultura de países como Irlanda, Austrália, África do Sul, onde a expressão cultural é bastante rica e portanto não fazem parte dos países “cânones” ingleses. Existe ainda um certo receio em relação ao ensino intercultural que parece se agravar quando a língua estrangeira em questão é o inglês. O papel desempenhado pelos Estados Unidos no mundo de hoje, por exemplo, faz com que muitos alunos não queiram estudar inglês, pois se por um lado a língua é valorizada, por outro é estigmatizada. Sabemos que, embora seja fundamental a comunicação (para muitos considerada a língua universal), o inglês muitas vezes é usado como instrumento de opressão, uma maneira de manter a desigualdade não só entre países, mas entre grupos sociais.

Tomando como base o exposto acima, resolvi trabalhar com alunos dos níveis fundamental e médio a cultura de maneira diferente e, a partir daí, dar suporte para que possam identificar e mostrar alguns estereótipos que ligam o ensino de Língua Inglesa a aspectos culturais, e em relação ao ensino de cultura DELGADO (2004, p. 234), diz que ao darmos à cultura o devido valor, trabalhamos com o pensamento individual do aluno, desenvolvendo e enriquecendo seu conhecimento. Nesse artigo proponho retomar discussões a respeito, cujo viés será uma reflexão partindo do conceito de cultura, passando pelos métodos de ensino com o passar do tempo até chegar aos dias atuais e no terceiro momento, mostrar através de um quiz, ou seja, um jogo de perguntas e respostas, a cultura de outros países.

A DEFINIÇÃO DE CULTURA

Existem várias definições para cultura, mas para o nosso trabalho apresento duas concepções: uma antropológica e outra humanística, mas acredito que o termo cultura é muito mais abrangente do que ver a cultura sob a ótica do mundo letrado, portanto, neste artigo, vai ficar clara a abordagem antropológica do conceito de cultura. A cultura vai além de todo comportamento e forma de viver de um povo, tal fato, independe de sua classe social e sua condição financeira. Logo, podemos concluir que, não é a condição financeira de uma pessoa ou um grupo social que evidencia a cultura de um povo, mas sim um conjunto de situações que definem a cultura desse povo.

No sentido antropológico, podemos conceituar cultura como “todo comportamento humano-cultural, transmissão social... Cultura é a saudação dirigida a alguém... é a forma de educar a prole... é o modo de vida da sociedade... Cultura é um termo que dá realce aos costumes de um povo.” (Ullmann, 1980:86). Já Santos (1983:24) nos apresenta duas concepções básicas de Cultura onde a primeira preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade e a segunda se refere mais especificamente ao conhecimento, as ideias e crenças, assim como as maneiras como eles existem na vida social.

Conforme se percebe nas citações acima não há uma cultura melhor ou pior do que a outra, mas sim maneiras diferentes de comportamentos e costumes de povos que fazem parte de uma sociedade. E mesmo fazendo parte dessa sociedade há pessoas com diferentes níveis sociais que compõem essa sociedade e cada um tem seus aspectos culturais que juntos formam a cultura de um país ou região.

A CULTURA DE ACORDO COM A METODOLOGIA DE ENSINO

Escolhi quatro abordagens para fazer uma retrospectiva histórica de como o ensino da cultura era visto dentro do ensino da Língua Inglesa até chegarmos a

atualidade, o fato de ter optado pelas abordagens abaixo é de que são as que mais se destacam nos estudos:

- Grammar Translation Method (1840): A leitura de textos clássicos difíceis já era introduzida nas etapas iniciais do aprendizado (Tottis, 1991:25);
- Direct Method (1900): A cultura da língua-alvo é aprendida indutivamente (Tottis, 1991:25);
- Audilingual Method (1950): Aqui já é dada uma certa importância aos aspectos culturais da língua-alvo (Tottis, 1991:26).
- Communicative Approach (1980): Abordagem que me chamou mais atenção, pois em virtude das anteriores sofrerem várias transformações, a Comunicativa foi a que teve a Cultura como um dos fatores responsáveis e integrados para o aprendizado da Língua Inglesa, tornando o ensino mais crítico. Pennycook apud Bannell (1997:275) diz que “to use English is to engage in social action which produces and reproduces social and cultural relations. The worldliness of English refers both to its local and its global position, both to the way in which it reflects social relations and constitutes social relations and thus the worldliness of English is always a question of cultural politics...”

É através do ensino de Língua Inglesa sob uma perspectiva crítica que somos capazes de proporcionar aos nossos alunos a capacidade de agir e interagir dentro de nossa sociedade passando pela formação de sua cidadania, através de aspectos culturais.

3-O PROFESSOR, O ALUNO E O PAPEL DA CULTURA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.

Alguns pensamentos me fizeram ir de encontro a alguns questionamentos sobre o ensino de línguas estrangeiras na escola como: Por que é tão difícil ensinar inglês nas escolas? Por que professores e alunos demonstram na maioria dos casos, tamanha insatisfação?

Quanto a essas perguntas não posso responder colocando a culpa totalmente nos materiais didáticos (lembro que nas escolas públicas a carência é bem mais expressiva). O problema maior parece ser na falta de motivação que atinge tanto alunos quanto professores. A maioria dos estudantes não vê utilidade na aprendizagem de uma língua estrangeira, o que os leva a assistirem as aulas apenas por obrigação, ou seja, apenas para cumprimento da carga horária, não há motivação portanto, não há desafios. Os alunos demonstram interesse em obter a nota necessária para aprovação no final do ano. Essa situação reflete diretamente no professor, que pode perder a motivação para ensinar e, diante disso, se tornar um profissional apático em sala de aula.

Como professor pesquisador, senti a necessidade de desenvolver algumas atividades lúdicas que visam despertar nesses alunos o interesse em aprender. Primeiramente tentei reuni o maior número de respostas para um questionário elaborado com os outros professores de línguas da instituição e, em cima desses dados resolvemos montar um encontro de língua estrangeira dando ênfase a cultura no Colégio Tiradentes em outubro de 2010 e já estamos nos preparando para o II encontro. A excelente receptividade do projeto tanto dos diretores da escola quanto do corpo discente me motivou a mostrar neste artigo a importância de atividades lúdicas no processo de aprendizagem dos alunos.

A cultura até bem pouco tempo atrás, era abordada como uma das habilidades desenvolvidas pelos alunos e, para encaixá-la dentro dos moldes estruturalistas, a separou do ensino de línguas e só na década de 70 ocorreu uma mudança mais significativa, os estudiosos uniram língua e cultura, uma junção que agora parece ser indissociável (KRAMSCH apud DELGADO, 2004, p. 233).

“A língua dá acesso à cultura e, por outro lado, para aprender uma língua é preciso um mergulho cultural, a aquisição de habilidades orais e escritas, isto é, as competências comunicativas não ficam asseguradas apenas com o conhecimento das estruturas lingüísticas (...) saudar uma pessoa, fazer um convite, pedir um favor, servir um cafezinho, pedir desculpas (...) são todas que se inserem profundamente num contexto cultural.” (DALPIAN, 1996:51)

A cultura se expressa através da língua e a língua é determinada pela cultura. A partir daí, a abordagem intercultural dentro de sala de aula se deve fazer evidente e não basta o aluno falar, ouvir, ler e escrever. O conhecimento intercultural não só garante o sucesso na comunicação como é essencial à sobrevivência, para tanto, Delgado (2004)

diz que ao darmos à cultura o devido valor, trabalhamos com o individual do aluno, desenvolvendo-o e enriquecendo seu conhecimento. Já Sarmiento (2003) diz que a questão é como proceder na sala de aula para desenvolver uma competência intercultural sem impor o domínio da outra cultura, faz-se então, necessário que as pessoas compreendam que a abordagem intercultural não tem por meta ensinar os alunos a se portarem como membros de outra cultura. O objetivo dessa abordagem é dar ao aluno condições de “descobrir”, analisar e criticar os usos socioculturais de uma língua.

O ENSINO E A CULTURA: A PRÁTICA

Tendo como apoio os dados teóricos apresentados acima, resolvi elaborar um “game” juntamente com outros professores de língua inglesa da escola, visando testar o conhecimento de países que estão fora do eixo Estados Unidos/Reino Unido, mas que são bastante expressivos em relação aos traços culturais, o objetivo é trabalhar a língua, a cultura e o lúdico em conjunto. A preferência desses países não foi a toa, foi uma forma de oposição à atualidade, visto que o ensino da língua inglesa parece estar vinculado a esses países do eixo, em outras palavras, parecem ser sinônimos. Por ter trabalhado com alunos das séries finais do ensino médio, a atividade foi quase que em sua totalidade produzida em inglês, trabalhando não só com compreensão de texto, mas também levando em conta alguns apontamentos de gramática.

A atividade foi desenvolvida com 70 alunos do 2º ano e mais 70 alunos do 3º ano, lembrando que essas turmas são das séries finais do ensino médio e foram desenvolvidas em dias e períodos diferentes. Os alunos foram divididos em grupos e cada grupo recebeu duas placas, uma com a letra V e a outra com a letra F mais folhetos informativos sobre a cultura de países como África do Sul, Austrália e Canadá. A seguir, as informações eram lidas e a partir de um consenso, os grupos levantavam a placa decidindo se a informação era verdadeira ou falsa, os grupos tinham apenas 25 segundos para responder. Logo após a resposta correta era revelada, sempre vindo acompanhada de explicações do professor a respeito da informação, o grupo que acertava ganhava um ponto no placar geral.

Já na segunda fase do quiz, os alunos receberão placas com os nomes dos países, e, a partir daí, foram mostradas imagens de celebridades; os alunos tinham 30 segundos para levantar a placa correspondente ao país de origem de cada uma. A partir do momento em que a resposta certa era revelada, o professor fazia uma breve explicação da celebridade e do país.

Os alunos sentiram um pouco de dificuldade quando entramos na parte cultural, ou seja, quando apresentados alguns aspectos como costumes e hábitos de diversos países, aumentei a dificuldade quando misturei velhos hábitos do povo brasileiro e, com os alunos focados nos países estudados, esqueceram um pouco a nossa cultura, confesso aqui, que essa fase foi bastante descontraída e um tanto quanto polêmica, pois ao serem apresentados tais costumes, os alunos logo comparavam com os nossos costumes e alguns, segundo os próprios alunos são difíceis de aceitar

A última fase do jogo, foi a etapa decisiva, pois apresentamos as capitais com suas particularidades e locais que servem de cartões postais de vários países que têm a língua inglesa como língua materna e os alunos teriam que dizer a qual país as capitais pertenciam, aqui dificultei um pouco, pois ao invés de apresentar as capitais, apresentei a Bandeira Nacional correspondente a cada país, para que os alunos pudessem pensar um pouco mais sobre o país em questão e, conseqüentemente, a capital correspondente. A cada resposta certa um ponto era acrescentado no placar final.

A boa receptividade por parte dos alunos me surpreendeu de tal maneira que os alunos mais resistentes no tocante ao ensino de língua inglesa se entregaram e participaram ativamente do processo, prestando atenção nas informações e explicações e ainda questionando fatos históricos que aconteceram nos países, por exemplo, a África do Sul trouxe à tona a política do Apartheid. O uso de uma folha de apoio com as informações registradas é de grande utilidade pois faz com que o professor evite repetir os conteúdos já explicitados e ajudando aos alunos a reter o assunto abordado.

A partir desses conteúdos apresentados no quiz, pude observar que não é preciso revolucionar o ensino de língua estrangeira, mas sim, partir de nós, professores, um pouco mais de criatividade e motivação para fazer desse aprendizado um processo que desperte no aluno o prazer de aprender uma segunda língua. Um professor motivado, consegue trazer para a aula o aluno mais distante nesse processo educacional e ainda

proporcionando um conhecimento da cultura de outros povos sem esquecer da sua própria cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresentado mostrou que resolver algumas questões sobre cultura no ensino de línguas e algumas maneiras de se introduzir aspectos culturais em sala de aula, mostra também a reflexão a partir de que tipo de alunos estamos formando, se um aluno passivo capaz apenas de se inserir dentro da cultura de outro ou um aluno participante, capaz de argumentar, discutir e se vê como sujeito participante do processo cultural de seu país, não se expurgando, mas sim a valorizando sobre as outras culturas.

Para ensinar a língua inglesa, não basta só falar inglês, o professor deve ser crítico, motivado e capaz de perceber vários aspectos da cultura de outros países que falam inglês, mostrei também o deslocamento do eixo Estados Unidos/Inglaterra para o conhecimento e estudo de países com menor expressão mas com uma riqueza infinita no âmbito cultural, devemos sim, mostrar a cultura norte americana, a cultura britânica, mas será que por esses países serem bastante expressivos no cenário econômico mundial, temos que nos limitar apenas a eles? Lógico que não, a cultura de outros países é tão rica quanto a dos “cânones ingleses”.

Essa caminhada não é fácil, é um longo caminho que se inicia com a motivação dos alunos, a nossa dedicação e interesse em manter uma relação de harmonia entre o professor e o aluno. Orientar também é nosso papel no processo da aprendizagem, fazendo com que os alunos se conscientizem da importância da cultura de seu país, mas também mostrando as outras culturas que nos rodeiam. Um dos objetivos principais é formar alunos pensantes, sendo capazes de questionar o mundo e a forma como ele funciona, tornando assim, o ensino mais inclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. Campinas-SP. Pontes, 1993.

BANNELL, Ralph Ings. Cultural Politics, Critical Pedagogy and EFL Education. **Anais do XIV - ENPULI** Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa.p. 271-283. Belo Horizonte, 1997.

DALPIAN, Laurindo. A Língua e o acesso á Cultura . **Signos**. Ano XVII, n. 27, p.49-54. Lajeado: FATES/FECLAT, 1996.

DELGADO, Heloísa. **O Ensino da Cultura como Propulsor da Abertura de Possibilidades na Aprendizagem de Língua Estrangeira**. In: SARMENTO, Simone MÜLLER, Vera. (Orgs.) *O ensino de inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões*. Porto Alegre: APIRS, 2004.

GARCIA, Teresinha Preis. **Diversidade Lingüística e Cultural: Identidades Regionais**. In: *Anais do IX EPLE – Encontro de Professores de Línguas Estrangeiras*. Londrina: Betel Gráfica e Editora Ltda, 2002.

SARMENTO, Simone. **Ensino de cultura na sala de aula de língua estrangeira**. In: MORAES, G.; BUCHWEITZ, R.; SANTOS, M. E. dos (Orgs.) *A questão cultural no processo ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras*. Passo Fundo: UPF, 2003.

_____. **O Ensino da Cultura como Propulsor da Abertura de Possibilidades na Aprendizagem de Língua Estrangeira**. In: SARMENTO, Simone; MÜLLER, Vera. (Orgs.) *O ensino de inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões*. Porto Alegre: APIRS, 2004.